



PORTUGAL
CABO VERDE
BRASIL

UNIDOS
PELO
TEATRO
JOVEM



Uma iniciativa do Teatro Viriato (Viseu, Portugal)

teatroviriato

estrutura
financiada por



SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA



parceiro
TEATRO
VILA
VELHA

apoio



parceiro

apoio



apoio



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

integrado no
programa oficial

PORTUGAL
BRASIL
AGORA



K CENA PROJETO LUSÓFONO DE TEATRO JOVEM PORTUGAL CABO VERDE E BRASIL UNIDOS PELO TEATRO JOVEM

Cerca de 50 jovens de diferentes nacionalidades, realidades culturais e contextos, mas ligados pela Língua Portuguesa participam num projeto que procura incentivar a utilização da prática teatral como estratégia de desenvolvimento da identidade lusófona e de enriquecimento pessoal e interpessoal.

Aposta singular, o *K CENA – Projeto Lusófono de Teatro Jovem* é uma iniciativa do Teatro Viriato (Viseu, Portugal), em parceria com o Teatro Vila Velha (Salvador-Bahia, Brasil) e Instituto Camões/Centro Cultural Português - Pólo do Mindelo, com o apoio local da Mindelact – Associação Artística e Cultural (Cabo Verde). Após seis anos de participação no projeto *PANOS – Palcos Novos Palavras Novas*, promovido pela Culturgest (Lisboa, Portugal), este ano, aproveitando essa experiência, o Teatro Viriato lançou este projeto internacional, com novos parceiros e que procurou estimular o gosto e a curiosidade pela escrita e pela interpretação teatral, promovendo a valorização da língua portuguesa e o reconhecimento desta e do teatro como veículos para o desenvolvimento da identidade lusófona e de enriquecimento pessoal e interpessoal.

Esta edição, que contou com a participação dos encenadores Graeme Pulleyn (Portugal), Marcio Meirelles (Brasil) e João Branco (Cabo Verde) envolveu cerca de 50 jovens de diferentes realidades culturais e contextos,



© Marçó Meirelles

mas ligados pela Língua Portuguesa, fomentando o intercâmbio de experiências, a começar pelo próprio processo de criação, que permitiu a circulação dos encenadores por entre os grupos participantes.

KCENA arrancou em outubro de 2012 com a promoção de oficinas orientadas pelos encenadores “residentes” de cada estrutura parceira e vocacionadas para a abordagem ao trabalho de ator, com vista à preparação dos grupos locais para a montagem do espetáculo, que seria dirigida pelo encenador “convidado”. Ou seja, em momentos distintos do projeto, ditados pelas datas de estreia, e, depois da primeira fase em que cada encenador trabalhou com os seus coletivos locais, João Branco deixou o grupo de Cabo Verde para orientar o do Brasil (apresentação: *Quarto do Nunca*, 30 e 31 de janeiro), Graeme Pulley (Portugal) dirigiu a criação do espetáculo em Cabo

Verde (apresentação: *PanDemónio*, 01 e 02 de março), e Marçó Meirelles viajou para Portugal para trabalhar com os participantes portugueses (apresentação: *Sempre em frente até amanhecer*, 27 e 28 de março).

As três peças originais criadas no âmbito do *KCENA* nasceram a partir das singulares aventuras descritas no romance *Peter Pan*, de J. M. Barrie e das interrogações, motivações e dos sentimentos que a narrativa suscitava em cada um dos grupos envolvidos. Apesar do tema comum, a abordagem de todos os grupos à mesma história foi ditada pelas suas vivências específicas e do seu país, a que não são alheios. Se, no Brasil, a partir das leituras de *Peter Pan* o grupo partiu em busca do sonho; em Cabo Verde preferiram falar dos meninos perdidos do seu país e do mundo, de todos os demónios e de todos os *Peter Pan's* e de todas as suas batalhas. Esta viagem pelo universo

de *Peter Pan* terminou com a interpretação do grupo de Portugal que, submerso numa crise económica à escala europeia, preferiu refletir sobre o crescimento e todas as crises, sejam elas de identidade, económica ou de cidadania. Escolhas que refletem o carácter singular do projeto, mas também a riqueza da lusofonia.

Pese embora a distância física, ao longo dos diferentes processos de criação os jovens estiveram em contacto, através do recurso às novas tecnologias que os aproximaram. A própria temática comum a todos os participantes foi definida através de um diálogo, via *skype*, entre os grupos de Portugal e do Brasil. Todo o grupo *K CENA* manteve ainda uma página do *facebook*, dedicada a este projeto, onde puderam debater, mas também partilhar esta experiência, entre eles. Os espetáculos do Brasil e de Portugal foram ainda transmitidos em direto, via



internet, para que todos os participantes pudessem ver o trabalho construído pelos colegas de projeto.

Os encenadores envolvidos são unânimes em sublinhar o desafio maior colocado por este projeto não só ao nível dos métodos de trabalho, mas também da abordagem da própria história. Já os participantes enlevam o enriquecimento pessoal e artístico, assim como o desenvolvimento do espírito crítico e de uma visão global do mundo.

Este projeto é apoiado no âmbito do programa de apoio à internacionalização das artes, promovido pela DGARTES (Portugal) e pela Fundação Calouste Gulbenkian, integrando ainda o programa oficial do Ano de Portugal no Brasil.



TEATRO VIRIATO (VISEU, PORTUGAL)

27 e 28 MAR'13

SEMPRE EM FRENTE ATÉ AMANHECER

a partir de *PETER PAN*, J.M. BARRIE

e *INDIGNAI-VOS!*, STÉPHANE HESSEL

encenação MARCIO MEIRELLES (BRASIL)

Encenação, texto, cenário e figurinos Marcio Meirelles (BR)
Encenador residente Graeme Pulleyn (PT) · Direção musical
Ana Bento (PT) · Música Criação coletiva e arranjos sobre
excertos de Oskar Rieding, Pink Floyd e Led Zeppelin
· Desenho de luz Rui Cunha · Interpretação Ana Lopes,
Bárbara Monteiro, Beatriz Santos, Cristina Almeida, Daniela
Batista, Emanuel Santos, Francisca Pereira, Gabriel Gomes,
Inês Chaves, Iolanda Guepp, Pedro Santos, Sónia Teixeira,
Susana Loio e ZP Almeida · Edição de vídeo Zito Marques (a
partir de imagens dos filmes *Peter Pan* – 1924, dir: Herbert
Brenon; *Peter Pan* – 1953, de Walt Disney; *Peter Pan* – 2003,
dir: P.J. Hogan) · Produção Teatro Viriato

DO VERBO GOSTAR

Gostei quando o Paulo Ribeiro nos convidou, ao Teatro Vila Velha e a mim, para participar no K CENA.

Gostei de juntar vários adolescentes na sala de ensaios do Vila Velha e, sob a direção de Bertho Filho, ver despontar um grupo com atitude, com desejos, com prazer por desvendar os liames das linguagens de cena.

Gostei quando foi criado um grupo no facebook e os k-cênicos da Bahia, do Mindelo e de Viseu começaram a trocar ideias e fotos e informações e pudemos, também, nós encenadores e equipas dos teatros, nos conhecermos melhor, construirmos um arquivo coletivo com material para o que faríamos.

Gostei do encontro dos garotos e garotas da Bahia com os garotos e garotas de Viseu pela



internet. Gostei quando os de Viseu propuseram trabalhar sobre “Peter Pan”. Gostei quando a uma pergunta dos baianos: “Como é ser adolescente e viver essa crise que estão vivendo na Europa?” Responderam: “Estamos pagando uma conta que não fizemos”. Isso tinha tudo a ver com a proposta de fazer Pan: “Não queremos ser adultos para não assumirmos responsabilidades”.

Gostei de passar por Viseu em novembro do ano passado e conhecer ao vivo aqueles garotos e garotas que tinha conhecido virtualmente. Gostei de conhecer Graeme Pulleyn, Paula, Maria João e toda a equipa do Teatro Viriato.

Gostei de ter matado saudades fraternas e transatlânticas de João Branco. Gostei, quando o João chegou a Salvador vindo da sua ilha, cheio de ideias e sonhos e paixão avassaladora pelo teatro, para compartilhar

com os jovens atores baianos. Gostei de vê-lo cuidadosamente construir o “Quarto do Nunca”. Gostei que Ridson Reis, ator do Bando de Teatro Olodum, o meu grupo, fizesse a trilha e direção musical da peça. Gostei da reação do público de Salvador ao espetáculo, especialmente de ouvir uma criança de uns sete anos dizer à mãe, na saída: “É o melhor espetáculo que já vi NA VIDA”. Pensei: Quanta vida! Viva!

Gostei de acompanhar a montagem de “Pan-Demónio”, no Mindelo, pela internet.

Gostei de chegar a Viseu e finalmente começar a trabalhar. Um salto no abismo do espírito da rebeldia, um salto no escuro das emoções de adolescentes. Um salto para dentro de uma cultura nova, de faixa etária e país diferentes. Gostei dos putos e das raparigas. Deles e delas, nas suas singularidades. Deles e delas como um coletivo.

Gostei do reencontro com Paulo Ribeiro, depois de 12 anos ou mais, e da recepção pessoal no seu incrível Teatro onde me sinto em casa. Gostei de trabalhar em parceria com Ana Bento, Graeme Pulleyn, Rui Cunha, Maria João Rochete, Carlos Fernandes, Nelson Almeida, Marisa Miranda, Paula Garcia, José Fernandes, Teresa Vale, Paulo Matos, Pedro Teixeira, Zito Marques e Ana Cláudia e todas as equipas e cada pessoa e colaborador do Teatro Viriato pessoalmente.

Gostei de ter trazido na bagagem o "Indignai-vos!" de Hessel, que nos ajudou a compreender que o espírito de Peter Pan não é um privilégio da juventude, está no ser humano de qualquer idade desde que não perca o dom de indignar-se com as injustiças, com as barreiras, com os limites e sonhar com uma Terra do Nunca cheia de aventuras para todos. Gostei de poder ter mostrado que Hessel, aos 93 anos, quando escreveu

o texto, tinha esse espírito vivo e pulsante. Inquieto. Gostei de poder mostrar que não precisamos crescer e ser adultos para termos responsabilidades. Que as temos desde que nascemos e, em qualquer idade, temos que ter consciência de que as responsabilidades fazem parte dos direitos e que sem umas não há outros possíveis.

Gostei do aprendizado que levo. O aprendizado do silêncio e do riso. O aprendizado da paciência e da urgência. O aprendizado de termos, de qualquer forma, de seguir "Sempre em Frente até Amanhecer".

MARCIO MEIRELLES (Brasil)

NA PRIMEIRA PESSOA

Quem é o Peter Pan? Quem são os Meninos Perdidos? Quem são os Piratas? Quem são os Índios? Quem são as Sereias? Onde é a nossa Terra do Nunca? É covarde não querer crescer? O que significa crescer? O que queremos ser? O que vamos ser?

E assim poderíamos continuar com muitas mais perguntas que foram surgindo ao longo deste projeto. Muitas delas foram sendo respondidas, outras continuam a pairar na nossa cabeça, tal como continua o Peter Pan a pairar na cabeça de qualquer criança.

Para além do Peter Pan, todo o projeto foi marcado pela nossa preocupação com os problemas sociais que nos rodeiam. Quais são? Porque é que existem? O que podemos fazer para acabar com esses problemas? "Apelamos às jovens gerações para manterem viva a indignação. Estamos a dizer: Assegurem a continuidade, indignem-se." – uma frase do texto "Indignai-vos!" de Stéphane Hessel, que o Marcio Meireles partilhou connosco. O autor que pretende apelar ao nosso sentido de revolta interpela-nos a conseguir encontrar uma solução para os problemas sociais do mundo de hoje.

Grandes amizades e muita experiência... dois aspetos muito importantes, que resultaram desde o início do projeto. A relação que se estabeleceu entre o grupo foi bastante forte e afetiva, o que criou uma dinâmica muito interessante na construção e no percurso deste projeto. Em relação à experiência adquirida, como é óbvio é bastante importante, pois não foi apenas uma experiência enquanto artista (pelo facto de termos explorado não só o teatro, mas também a música) mas foi também uma experiência enquanto indivíduo. Tudo o que fomos falando e explorando deu-nos uma visão diferente do que acontece no mundo e na nossa sociedade.

GABRIEL GOMES, participante

Para mim, o teatro é como um escape do mundo exterior, uma forma de relaxarmos e de podermos ser tudo o que quisermos, de nos manifestarmos. O teatro oferece equilíbrio à nossa vida. Nos primeiros meses em que trabalhamos com o Graeme falámos muito sobre o "não querer crescer" e as nossas expectativas para o futuro. Foi nesse sentido que surgiu a sugestão de trabalharmos a história "Peter Pan". Quando chegou, o Marcio juntou-lhe música e textos do Hessel... No final, temos



© José Alfredo

uma peça diferente do que imaginámos, mas muito boa. Gostei muito! Claro que nada disto teria sido possível sem o trabalho do Graeme, do Marcio e da Ana e, claro, de toda a equipa do Teatro Viriato. É isso!

ANA LOPES, participante

Participar num projeto como este enriquece a nossa capacidade artística, como individuo e como grupo. Durante todo o processo aprendemos a compreender o 'mundo' de Peter Pan e a desenvolvermos um espírito crítico e manifestador.

BÁRBARA MONTEIRO, participante

Todo este projeto é uma enorme fonte de valorização pessoal e profissional. Ensina-nos que o teatro vai para além da mera representação, evoca a magia, tal e qual a magia do Peter Pan.

É muito bom poder deixar de parte o jovem

adulto em que nos temos de tornar e sermos apenas meras crianças que tal como o Peter não querem crescer porque é mais divertido assim. E, ao mesmo tempo, neste jogo de faz de conta, é desafiante podermos ser também o adulto que tanto tememos, ultrapassando mais um obstáculo.

DANIELA BATISTA, participante

Inscrevi-me no K CENA, por três motivos: sou jovem, adoro teatro e precisava de fazer teatro. Mas admito não foi só por isso que me inscrevi. Sempre tive uma enorme vontade de dizer o que penso, em relação a tudo, mas nem sempre o digo. E é aí que entra o teatro. Para mim, o teatro, para além de entretenimento, pode ser um meio muito inteligente de dizer o que penso. Posso ser quem quiser, e não há lugar para julgamentos. Enquanto jovem sei que quero ser ator. Mas serão os sonhos assim tão fáceis de realizar? Serei mesmo ator daqui a uns tempos?

O K CENA tem sido uma escola, tanto a nível profissional, como a nível pessoal. Tem sido uma escola de atores, mas uma escola onde aprendo a relacionar-me com o que me rodeia.

EMANUEL SANTOS, participante

O teatro é a melhor forma de mostrar a nossa indignação acerca daquilo que se passa no mundo, não é através de manifestações, já que nessas muitos dos participantes são pagos ou estão simplesmente a fazer monte. No palco somos donos do mundo e podemos enviar uma mensagem através da arte que, para mim, é a mais bela das formas e também a mais eficaz.

Este projeto deu-me uma perspetiva diferente do teatro, consegui perceber todo o processo de criação de um espetáculo, algo que não conseguimos perceber da plateia.

O "Peter Pan" é só mais um menino, que tal como nós, não consegue ver um futuro decente e então opta por não crescer, porque quantos de nós conseguimos ser aquilo que sonhamos enquanto crianças?

IOLANDA GUEPP, participante

Todas as peças de teatro tentam passar uma mensagem a quem as vê. O mesmo acontece com este espetáculo que pretende transmitir uma mensagem de indignação e de revolta

perante os problemas que nos rodeiam. À primeira vista o universo de "Peter Pan" não parecia enquadrar-se nesta mensagem, mas quando se conjugam tudo começa a fazer sentido. Para concluir, este projeto permitiu-me crescer como ser humano e como "ator" muito amador.

PEDRO SANTOS, participante

Este projeto tem sido uma viagem! Uma viagem que se iniciou com o objetivo de aprender mais, conhecer novas pessoas e juntas criarmos algo único! Fiz uma família, um tanto ou quanto estranha, diga-se de passagem. Mas a verdade é que juntos, temos passado momentos incríveis que me vão marcar para sempre!

Este projeto é uma verdadeira fonte de conhecimento, que me tem ensinado imenso sobre este mundo magnífico do teatro. O teatro é uma forma especial de comunicar, um convite à reflexão sobre questões tolas! Ou sérias... Ou outras coisas que eu agora não me lembro! Neste caso, centrados no Peter Pan, veremos que todos temos algo semelhante a ele, nem que seja só uma perna ou algo desse género!

E foi assim, com pó de fadas e pensamentos bons que se passaram estes meses, porque só desta maneira se consegue voar.

SÓNIA TEIXEIRA, participante

CENTRO NACIONAL DE ARTESANATO
E DESIGN DO MINDELO (CABO VERDE)

01 e 02 MAR'13

PANDEMÓNIO

UM OLHAR CRIOULO SOBRE O PETER PAN

a partir de *PETER PAN*, J.M. BARRIE

encenação GRAEME PULLEYN (PORTUGAL)

Encenação Graeme Pulleyn · Encenador residente João Branco · Monitora e preparadora de elenco Janaina Alves · Interpretação Ailton Jorge, Carlos Araújo, Cristian Andrade, Evanisia Pinto, Helton Paris, Kelton Santos, Laura Branco, Lais Rodrigues, Livio Fonseca, Sandra Gomes, Sandrine Rodrigues, Ricardo Fidalga, Yannick Fortes, Yannick Tavares e Yara Azevedo

KACENA? KICENA? KECENA?

Acima de tudo, que grande oportunidade, que grande desafio, que grande aventura.

Lembro-me de um encontro por skype entre um grupo de jovens de Viseu e outro de Salvador da Bahia.

Lembro-me da primeira vez que falei com os atores do "Pará, Moss!" em Cabo Verde. Lembro-me de alguém ter falado no Peter Pan e o engraçado é que já ninguém sabe quem foi. Lembro-me do Marcio ter falado do Hessel, do João ter falado das sombras, da Laura ter falado da gravidez precoce e das famílias numerosas, do Helton ter falado da violência e dos gangues, do Cristian ter falado do "Pan-Demonio".

Lembro-me de ver o "Quarto do Nunca" em direto pela internet.

Pergunta: Quem é que se lembraria de fazer três pecas de teatro originais, inspiradas numa obra clássica com mais de 100 anos, em três continentes diferentes, com três encenadores e meia centena de atores jovens? Resposta: Nós. E acho que ainda não nos apercebemos da enormidade desta coisa de que fazemos parte, do privilégio que estamos a viver e, ao mesmo tempo, da sua simplicidade. E como sempre a beleza está na simplicidade.

O teatro é faz de conta, é simples, infantil quase na sua simplicidade... Mas para chegar a essa simplicidade... O que nos une é o trabalho, o suor, o sangue que pulsa nas veias da nossa imaginação e, por vezes, as lágrimas do nosso medo e da nossa frustração. Pomos a nossa coragem à prova, embarcando num voo para uma terra desconhecida, passando por estrelas que não se dignam a indicar-nos o caminho, sobre navios de piratas que volta e meia disparam o seu grande "Tom" contra nós, espalhando-nos para os sete cantos da solidão. Mas se fecharmos os olhos com muita força, se pensarmos e imaginarmos com as últimas reservas de energia que nos restam o (re)encontro acontece, a solução surge, a coragem (como sempre) tem a sua recompensa e a obra nasce: um mergulho baiano nos temas do Peter Pan, um olhar crioulo sobre o Peter Pan e um Peter Pan beirão, contado em tons de Viseu.

São encontros múltiplos, múltiplas contaminações. Ser artista é isto.

Deliciei-me não só com o peixe espada, com o grogue, com o queijo da terra de Cabo Verde, mas com os seus jovens atores que me desafiaram, que exigiram de mim, que me brindaram com a sua criatividade, com os seus conhecimentos, com a sua espantosa capacidade de trabalho. Obrigaram-me a passar a fronteira do meu conhecido, a pisar caminhos novos com prazer e vaidade, ensinaram-me o que é um olhar crioulo sobre o "Peter Pan".

Dias mais tarde a história era a mesma, o olhar outro. Troquei o sol e a ventania de São Vicente pela chuva e o frio de Viseu. Ai entrei no olho da tempestade de ideias do Marcio, num mergulho profundo nas obras de J. M. Barrie e de Stéphane Hessel e começa uma nova etapa de uma nova viagem, que, no fundo, é a mesma e ai... ?

GRAEME PULLEYN (Portugal)

NA PRIMEIRA PESSOA

UMA LIBERDADE DIFERENTE!

Cada peça é uma peça. Cada montagem nos proporciona sensações diferentes e nos ensina coisas diferentes, de formas diferentes. A montagem do "PanDemónio" com o Graeme Pulley foi um exemplo claro disso. Sem querer, já voávamos, sem sequer saber bem do que se tratava. Sem perceber nos envolvíamos com a história até tornarmo-nos parte dela, ou ela, parte de nós. Caímos de cabeça numa verdadeira aventura (aventura mesmo), de ler, improvisar, rabiscar, montar, limpar, fazer e fazer sem saber bem no que ia dar. E quando demos por isso, já tínhamos o nosso espetáculo. De entre correrias aflitas, histórias reais e fictícias, sonhos e fantasias, tic-tac, tic-tac, já éramos Peter Pans ansiosos pela grande aventura do encontro com a Wendy.

Foi assim, à velocidade de um voo, que o "Pará, Moss!" provou de uma liberdade diferente da que estava habituado. Foi assim que dando as mãos, nós e o nosso grande amigo Graeme, aprendemos a voar, enfrentando o risco e o medo de estatelar no chão.

YARA AZEVEDO(em nome do grupo de participantes

K CENA, de Cabo Verde)





© João Milet Meirelles

TEATRO VILA VELHA,
SALVADOR, BAHIA (BRASIL)

30 e 31 JAN'13

QUARTO DO NUNCA

a partir de *PETER PAN*, J.M. BARRIE

encenação JOÃO BRANCO (CABO VERDE)

Direção João Branco · Dramaturgia Coletiva, sob coordenação de João Branco · Interpretação Alex Brandão, Ana Clara Cavalcanti, Beatriz Santana, Caio Terra Silva, Daiane Nascimento dos Santos, Débora Albuquerque, Eduarda Nieto, Jaqueline Silva Souza, Juan Nicholas Vasquez, Leandro de Jesus Gomes, Natalyne Pereira dos Santos, Pedro Oliveira e Roberto Neri · Preparação do elenco Bertho Filho · Direção musical Ridson Reis · Violinista Bruna Albuquerque · Composição tema musical Caio Terra Silva · Cenografia Gei Correia, Guilherme Barsan e João Branco · Execução cenográfica Gei Correia e Guilherme Barsan · Desenho de luz João Branco e Pedro Dultra · Operação de luz Marcos Paulo da Silva · Operação de som Eduardo Santiago · Fotografia João Milet Meirelles · Design Daniel Pita · Assistência de direção Janaina Alves · Produção executiva Fernanda Borges e Larissa Cerqueira · Apoio de Produção Das Preta Produções · Apoio cenográfico Armazém Cenográfico

MEMÓRIA. SOMBRA. TEMPO. SABEDORIA.

Estes quatro conceitos que tanto dizem à arte cênica foram os fios condutores que nos conduziram até ao "Quarto do Nunca". Elaborada uma estrutura dramática inspirada no romance "Peter Pan", de J.M. Barrie, partimos à aventura em busca de um saber coletivo que se parece ter perdido. Procuramos os nossos desejos mais inconfessáveis e transformamos esses assombros tão pessoais numa experiência partilhada. Tiramos máscaras, disfarces e etiquetas. Muito cuidado com o excesso de bagagem quando se quer voar, certo? Certo! Então, o que não interessa, joga fora. Ficamos apenas nós, um todo muito maior que a parte de cada um sem o qual esse todo inexistente, e que criou não tanto um lugar da fantasia e do lúdico, mais um espaço de memória, sensações, energia e musicalidade.

Da quietude harmoniosa de uma canção de ninar até ao caos assombroso de um navio de piratas, que pode simbolizar o que quisermos do nosso quotidiano, vai um instante ampliado pelo poder que o teatro nos confere e a imaginação sustenta. E porque a arte de contar histórias se esfumou nas milhares de imagens com que somos confrontados a cada segundo, o espaço cénico nos surge como vital, como oxigénio para os nossos corações de seres-humanos errantes pelo mundo das tecnologias e da globalização.

“O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar, a estrada permanecerá viva”, escreveu Mia Couto um dia pleno de sabedoria. Essa mesma sabedoria que buscamos, na(s) nossa(s) leitura(s) de “Peter Pan” e que nos levou por uma viagem alucinante cujo destino final só forças outras poderão ditar. Esta é a nossa alma. Façam com ela o que bem entenderem. Para sonhar e para o resto.

HOJE JÁ SOU TAMBÉM UM POUCO BAIANO

Difícil transmitir por palavras o quanto foi gratificante trabalhar com este grupo durante o processo de construção de “Quarto do Nunca”. O quanto cresci e aprendi, o quanto me emocionei, o quanto procurei dar de mim, para que de mim alguma coisa ficasse também em cada um deles. Quando tele-

fonava para casa tentando amenizar essa dor permanente a que chamamos poeticamente de saudade, do outro lado brincavam dizendo que já se notava o meu sotaque baiano no jeito de falar. E embora este possa ser um pormenor sem importância, representa a forma como nos agregamos uns aos outros em todo este processo de criação sem nunca perdermos a nossa individualidade, criando uma energia própria e única. Por isso sou eternamente grato por ter conhecido e trabalhado com este coletivo, grato a todos e a cada um, sorrindo e pensando com os meus botões, melhor era impossível!

DO QUARTO PARA ILHA

Depois de Salvador, sem respirar, direto para as ilhas de Cabo Verde. Do quarto improvável para o chão castanho de S. Vicente, num pulo. E fomos receber o Graeme cujo sorriso tornou (ainda) mais luminosa a luz da cidade do Mindelo. É daquelas coisas que o KCENA nos proporciona: entregamos os nossos filhos a um estranho, mas com gosto, acompanhamos como tudo se molda, como crescem com o outro, como se empenham e como aquele sorriso, já de si enorme, vai conquistando o mundo como uma criança. Estar de fora, estando dentro, deu-me uma outra perspectiva e sublinhou o caráter extraordinário deste projeto singular. Descobrimos, por exemplo, que se no Brasil se diz KáCena e em Portugal KeCena, aqui em

Cabo Verde, com a adoção crioula, falamos KiCena! Sonoridades diferentes para dizer a mesma coisa, que não é a mesma coisa por estarmos em lugares diferentes e com outras pessoas. Confuso? É o que faz falta! Só podemos agradecer ao Graeme, eu e a Janai-

na, e claro, os nossos filhos (todo o elenco, claro!), por nos ter deixado uma herança tão bela, uma forma de "PanDemónio", que nos fez voar, cair, saltar, sonhar e querer mais, mais, mais! Quando é a próxima, K CENA?

JOÃO BRANCO (Cabo Verde)

NA PRIMEIRA PESSOA

Participar do projeto foi gratificante e essencial para o meu aperfeiçoamento como cidadão e ator. Com uma proposta muito interessante, todo o processo acabou por ser uma diversão, mas, sempre tratado por todos que nele participaram, com muito compromisso e dedicação. Tanto que resultou num lindo e inesquecível espetáculo, no qual pudemos passar muito do que cultivamos durante as duas etapas, tanto com Bertho Filho quanto com João Branco.

Esta ideia de criar um intercâmbio cultural e com um mesmo interesse em comum foi motivador, principalmente pelo fato de que tivemos uma oportunidade maravilhosa de manter contato com pessoas que partilham o nosso idioma, mas de culturas e países distintos. Vejo o projeto K CENA como um passo essencial para o fortalecimento da arte na vida das pessoas, porque percebi que, pelo menos aqui em Salvador, o seu alcance saiu

das salas de ensaios e atingiu a sociedade, com nossa energia e espírito de mudança por um mundo melhor.

Acredito que esse primeiro momento pôde refletir o tamanho da importância do K CENA, especialmente para quem pôde fazer parte, porque, sem dúvidas, mexeu intensamente na vida de cada um, desde os atores, o preparador, os funcionários, aqueles que estiveram envolvidos indiretamente, até o orientador e diretor que saiu do seu país com o intuito de criar algo tão diferente e belo como João fez. Conhecer-lo foi incrível, desde o primeiro até o último dia, e mais legal, tanto o início quanto o final de sua participação com os k-cênicos brasileiros foi emocionante, e admito, chorei muito no camarim, no segundo e último dia de apresentação do "Quarto do Nunca", não consegui segurar a minha emoção, muito menos disfarçá-la no meio dos meus inesquecíveis companheiros



que estiveram ao meu lado durante três meses. Não foram três dias, três semanas, mas, sim, meses! Foi intenso! Tão intenso quanto o meu choro, que refletia a minha alegria pelo resultado coletivo que foi gerado, e mais ainda pela tristeza que me corroeu por inteiro naquele momento, sabendo que era o fim do projeto aqui, porém, o espírito continua vivo, e aguardando ansiosamente por uma nova, desconhecida e bela aventura!

Ainda sonho com a reunião de todos os k-cênicos, num projeto maior (missão um tanto improvável). Numa proposta ainda mais ousada como essa foi, e creio que essa primeira edição, pelo menos aqui em Salvador, prova que dará certo, não tenho dúvidas. Assim, só tenho a agradecer pela proposta e pelo processo idealizado pelo Teatro Viriato (Viseu), ao Teatro Vila Velha por ter abraçado a ideia, ao engajamento e apoio de Marcio Meirelles, aos ensinamentos e disposição inigualáveis

de Bertho Filho e o seu carinho conosco, e a João Branco com o seu talento, disposição, e coragem de criar o novo num mundo de mesmices, ao dar uma experiência diferente e supreendente ao público baiano.

Foi um momento maravilhoso da minha vida que guardarei com carinho. Aprendi, compartilhei pensamentos, refleti sobre a vida e a sociedade e o que seria possível fazer para deixar o mundo mais legal de viver, me diverti, emocionei e me emocionei. Agora, sei que estou pronto para ir em busca da minha caixinha. "Um novo mundo luta para nascer."

LEANDRO GOMES, participante

Allegro BMC CAR • Dão · Quinta do Perdigoão • Tipografia Beira Alta, Lda. • **Andante** Grupo de Amigos do Museu Grão Vasco • João Carlos Osório de Almeida Mateus • PsicoSoma • **Adágio** Amável dos Santos Pendilhe • Ana Luísa Nunes Afonso • Ana Paula Ramos Rebelo • António Cândido Rocha Guerra Ferreira • Armanda Paula Frias Sousa Santos • Benigno Rodrigues • Carlos Dias Andrade e Maria José Andrade • Farmácia Ana Rodrigues Castro • Fernanda de Oliveira Ferreira Soares de Melo • Fernando Soares Poças Figueiredo e Maria Adelaide Seixas Poças • Geraldine de Lemos • Isabel Maria Pais e António Cabral Costa • Isaías Gomes Pinto • José Luís Abrantes • José Gomes Moreira da Costa • Júlia Alves • Júlio da Fonseca Fernandes • Maria de Fátima Ferreira • Maria de Fátima Rodrigues Ferreira Moreira de Almeida • Maria de Lurdes da Silva Alves Poças • Martin Obrist e Maria João de Ornelas Andrade Diogo Obrist • Miguel Costa e Mónica Sobral • Nanja Kroon • Pastelaria Doce Camélias, Lda • Paula Nelas • Paulo Jorge dos Santos Marques • Pedro Miguel Sampaio de Carvalho de Tovar Faro • Pieter Rondeboom e Magdalena Rondeboom • Teresa da Conceição Azevedo • Vítor Domingues • **Júnior** Ana Mafalda Seabra Abrantes • Ana Margarida Rodrigues • Beatriz Afonso Delgado • Brígida Caiado • Carla Filipa Seabra Abrantes • Diogo Rafael Teixeira Ascensão • Eduardo Miguel de Amorim Barbosa • Gonçalo Teixeira Pinto • Júlia Pereira Arede Oliveira Costa • Matilde Figueiredo Alves • Pedro Dinis de Amorim Barbosa.

MECENAS



TEATRO VIRIATO | CENTRO DE ARTES DO ESPECTÁCULO DE VISEU

Paulo Ribeiro *Diretor-geral e de Programação* • José Fernandes *Diretor Administrativo* • Paula Garcia *Diretora Adjunta* • Ana Cláudia Pinto *Assistente da Direção* • Maria João Rochete *Responsável de Produção* • Carlos Fernandes *Assistente de Produção* • Nelson Almeida, Paulo Matos, Pedro Teixeira e Rui Cunha *Técnicos de Palco* • Marisa Miranda *Imprensa e Comunicação* • Teresa Vale *Produção Gráfica* • Gisélia Antunes *Bilheteira* • Emanuel Lopes *Técnico de Frente de Casa* • Fátima Domingues, Raquel Marcos e Vânia Silva *Receção* • Paulo Mendes *Auxiliar de Receção/Vigilância* • **Consultores** Maria de Assis Swinnerton *Programação* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Electricidade* • Contraponto *Contabilidade* • Paulo Ferrão *Técnica de Palco* • José António Pinto *Informática* • Cathrin Loerke *Design Gráfico* • **Acolhimento do Público** André Rodrigues, Bruno Marques, Catarina Ferreira, Daniela Fernandes, Diogo Almeida, Franciane Maas França, Francisco Pereira, Joana Tarana, João Almeida, Luis Figueiral, Maria Carvalho, Margarida Fonseca, Neuza Seabra, Ricardo Meireles, Rui Guerra, Sandra Amaral e Vânia Silva.

Colaboração Técnica



teatroviriato

estrutura
financiada por:



GOVERNO DE
PORTUGAL

dgARTES
DIRECÇÃO GERAL
DAS ARTES



câmara municipal de viseu

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

Próximo espetáculo



TEATRO

06 ABR // sáb 21h30 | m/ 12 anos

WILDE

de JORGE ANDRADE e MIGUEL PEREIRA

preço A: 10€ (plateia e camarotes) / 7,50€ (frisas frontais) / 5€ (frisas laterais)
// descontos aplicáveis / ESPAÇO CRIANÇA DISPONÍVEL